

Facebook: Um Espaço Favorável para o Desenvolvimento do Pensamento Crítico

Rosana Muniz de Medeiros – UA – Universidade de Aveiro – rosana@ua.pt

Francislê Neri de Souza – UA – Universidade de Aveiro – fns@ua.pt

Luis Paulo Leopoldo Mercado – UFAL – Universidade Federal de Alagoas – luispaulomercado@gmail.com

RESUMO

Tem-se tornado banal ouvir-se queixa de professores quando o tema é pesquisa *online* para alunos, os trabalhos por eles apresentados são *copy page* sem referência, nem considerações finais. Com o objetivo de entender como uma rede social com larga adesão entre os jovens, como é o caso do Facebook pode favorecer atitudes de Pensamento Crítico frente às informações disponibilizadas nos media digitais, quanto aos questionamentos e ações de avaliar, agir ou se pronunciar, analisou-se uma atividade voluntária de um professor de filosofia junto aos alunos do 1º ano do ensino médio em Maceió-AL, através de dois trabalhos de pesquisa publicados na rede social, um individual e outro em grupo. Os dados foram analisados através do *software* webQDA para análise qualitativa onde os resultados apresentados confirmam apenas, que os alunos buscam respostas imediatas numa perspectiva de menor esforço, ou seja: se já tem pronto na *web*, não vale a pena criar. Ao nosso ver, é necessário que haja uma exigência maior por parte do professor, que esse proponha desafios, a fim de estimular os alunos em suas atividades de estudos e pesquisas.

Palavras-chave: Facebook; pensamento crítico; filosofia; atividades de estudo.

Abstract:

It has become commonplace to hear complaint from teachers when the topic is online search for students, the works presented by them are copy/paste without reference or final considerations. In order to understand how a social network with extensive membership among young people, as in the case of Facebook can promote critical thinking attitudes against the information available in the digital media, about the questions and actions to evaluate, act or rule, it was examined whether a voluntary activity of a teacher of Philosophy by the students of the first year of high school in Maceió-AL, through two research papers published in the social net network, an individual and another in group. The findings confirm only that students seek short-term responses in a perspective of least effort, as preliminary; if you're ready, it's not worth making. In our view, there needs to be a greater requirement on the part of the teacher that proposes challenges, in order to stimulate the students in their studies and research activities.

Keywords: Facebook; critical thinking; philosophy; study activities.

Introdução

Significativas mudanças assinalaram o início do primeiro século do 3º milênio, nomeadamente nos campos político, socioeconómico, cultural, na ciência e na tecnologia. Culturalmente, a juventude assumiu uma característica diversificada, se fazendo representada por tribos num universo social onde *piercings* e tatuagens as distinguíam e as igualava num superficialismo e consumismo ímpar. Na tecnologia, os anos 90 foram marcados como um dos mais rápidos no desenvolvimento da história, favorecido pelo explosivo crescimento da internet e a popularização do uso do computador devido a queda no baixo custo do produto.¹

O advento da internet também contribuiu na derrubada de barreira geográfica e nunca foi tão fácil a interação entre povos em qualquer parte do planeta, ou usando a metáfora de *McLuhan*, o planeta transformou-se em uma *aldeia global* onde as redes sociais de amizades e interações alcançam ilimitadas proporções, de acordo com interesses dos participantes.

Esse incremento também favoreceu para o desenvolvimento, no âmbito da aprendizagem e do conhecimento e, atualmente com a internet e as redes sociais digitais observa-se que “há mais informações disponíveis a partir das quais se pode criar conhecimentos” (Veen & Vrakking, 2009, p. 83).

Entretanto, não basta ter acesso as informações e partilhá-las através das redes sociais, é necessário saber o que fazer com as informações disponibilizadas, saber desenvolver a curiosidade através das fontes dessas informações, ser capaz de argumentar, analisar credibilidade, para poder transformá-las em aprendizagens de conhecimentos e utilizá-las no cotidiano.

Essa necessidade também passou a ser alvo de estudos e pesquisas desenvolvidas, em busca de melhores, e maiores aprendizagens na área das tecnologias digitais, aprendizagens mediadas pela Web, aprendizagens de diferentes disciplinas curriculares através das redes sociais, o *Blog* como espaço virtual na sala de aula, etc. (Bona, Fagundes, & Basso, 2012; Mercado, 2006; Minhoto & Meirinhos, 2011; Patrício & Gonçalves, 2010; Souza & Rocha, 2011).

Entretanto, apesar desses vários estudos, se faz necessário refletir sobre o comportamento dos jovens estudantes frente à postura de interação em uma rede social quando esta, mesmo direcionada por um professor mediador de uma disciplina reflexiva como é o caso da filosofia, não os desafia para as atitudes do Pensamento Crítico (PC).

No âmbito da filosofia, por ser uma disciplina eminentemente atraída “pelo problemático, pelo controverso, pelas dificuldades conceituais que se esconde nas frestas e interstícios de nossos esquemas conceituais” (Lipman, 1990, p. 50) esta por si só, já se apresenta como um campo perfeito, para o desenvolvimento das habilidades do PC.

1 <http://linhaaberta.com/magazine/2010/11/os-acontecimentos-que-marcam-a-historia-nos-ultimos-anos/>

Apesar disso, nem sempre os apelos da disciplina conseguem despertar em jovens estudantes, esse tipo de habilidade, mesmo num ambiente virtual familiar a estes, numa rede social como é o caso do *Facebook*, em que os jovens passam a maior parte do seu dia conectados.

Diante disso, consideramos importante pesquisar-se comportamento e atitude de estudantes do ensino médio, frente a uma proposta de atividade de filosofia, desenvolvidas em uma rede social, em função disso, nossa questão de partida orienta-se em poder analisar: Pode o *Facebook* ser utilizado para fomentar discussões entre estudantes de filosofia do Ensino Médio? Nossa conjectura para essa questão é que é possível fomentar discussões. No entanto, podem essas discussões ser estruturadoras e sistematizadoras da construção de elementos do PC? Compreendemos que a rede social *Facebook* oferece potencial para trocas e interações, não obstaculiza o acesso, nem demanda de treinamento para uso, além do mais, essa rede social tem sido considerada como “uma espécie de cibercentro comunitário” (Tapscott, 2010, p. 54) e pode ser acessada a qualquer hora de qualquer lugar, desde que haja conexão, inclusive através de aparelhos de telefonia móvel.

Com essa questão, o objetivo desse artigo passa a ser analisar uma experiência espontânea de um professor do ensino médio com o uso do *Facebook* para discussão no âmbito da filosofia.

A metodologia de estudo adotada é um recorte de uma pesquisa qualitativa que vem sendo desenvolvida, em uma tese de doutorado em Didática e desenvolvimento curricular, por um dos autores deste artigo, como entremeio de atividade relacionada com a disciplina de filosofia no *Facebook*, tendo sido realizada com estudantes do 1º ano do ensino médio numa escola da rede privada em Maceió-AL, no período de 30/04/2013 a 21/06/2013.

Para tal, o artigo foi organizado em cinco seções, a primeira introdutória; a segunda uma reflexão teórica do PC, a terceira; a metodologia do estudo, a quarta; os resultados obtidos, a quinta; as considerações finais e referências.

2. O Pensamento Crítico e a Importância de sua Utilização no cotidiano.

Faz parte da natureza humana o pensar, portanto todo mundo pensa (Paul & Elder, 2006). Entretanto, pensar de forma crítica não configura como um simples pensamento recorrente, pelo contrário, esse tipo de atividade requer uma ação introspectiva de análise, conhecimento e critérios avaliativos sobre o pensar.

Também podemos afirmar que pensar criticamente, sobre uma ação ou sobre algo, não envolve uma atitude de reflexionar de forma negativa com tendência para encontrar falhas, defeitos e imperfeições. Isso não é uma atitude crítica mas sim, um juízo de valor do senso comum, que julga de acordo com pré conceitos concebidos e interiorizados, sem a rigorosa fundamentação.

Na literatura especializada, podemos apontar algumas definições em diferentes autores sobre o Pensamento Crítico tais como:

- Para (Ennis, 1996) o Pensamento Crítico é um “pensamento razoável e reflexivo que está focado em decidir em que acreditar ou fazer” tradução (Tenreiro-Vieira & Vieira, 2000, p. 27);

- Segundo (Cottrel, 2005) o Pensamento Crítico é um processo complexo de deliberação que envolve uma ampla gama de atitudes e habilidade;

- Para (Paul & Elder, 2006) o Pensamento Crítico configura-se como a arte de analisar e avaliar o pensamento, com vista a melhorá-lo.

Por essas definições pode-se perceber que o PC é mais que uma atitude reflexiva, ele comporta uma complexidade que vai da reflexão do conhecimento ao anseio das descobertas, do questionamento as ações do avaliar para agir ou se pronunciar. Portanto, para desenvolver um PC precisamos aprender a amparar nossas concepções fazendo uso de rigorosos argumentos de forma clara e sistemáticas.

Nessa busca de literatura, também encontramos que o pensamento crítico “é uma pedra basilar na formação de indivíduos capazes de enfrentarem e lidarem com a alteração contínua dos cada vez mais complexos sistemas que caracterizam o mundo actual” (Tenreiro-Vieira & Vieira, 2000, p. 14). A cada situação somos confrontados a ter que tomar decisões, a optar por uma ação em detrimento de outras, a escolher soluções para resolver problemas, e é importante, que todas essas ações possam ser decididas antecipadamente, pensadas com o devido cuidado de quem reuniu as informações necessárias para decidir de forma ordenada e fundamentada onde se deseja chegar com a escolha feita. Para isso, basta ver o grande volume de informação atualmente disponibilizado e a velocidade com que recentes conhecimentos se tornam superados, obriga-nos a mantermos abertos, a adotar novos conceitos e conhecimentos, para sustentarmos debates, argumentar e posicionar-se frente ao novo e atual.

Para esse estudo, assume-se como teoria do PC, a definição de Ennis (1996) de que este é um pensamento razoável e reflexivo que se volta para a tomada de decisão do que se deve acreditar e fazer.

Essa escolha passa a ser justificada por adequa-se melhor a realidade do estudo, frente a pesquisa realizada com jovens de uma geração que acostumou-se com os “comportamentos acelerados, quando ascendem várias páginas na internet em busca de respostas ou quando são instigados a resolver problemas ou descobrir algo” (Medeiros, Souza, & Mercado, 2012, p. 123), portanto, para esses o pensamento razoável e reflexivo torna-se um fator preponderante no exercício de tomada de qualquer decisão.

Metodologia

Para esse estudo, optou-se por uma pesquisa qualitativa por buscar-se aprofundamento na compreensão de um fenómeno, desvendando encontros e desencontros da prática e por esta, ser orientada para análise de casos concretos (André, 2005; Carrancho, 2005; Flick, 2005).

O estudo foi desenvolvido na rede social *Facebook*, a princípio criou-se uma conta na rede, destinada exclusivamente à pesquisa. Toda a estrutura da página estava voltada desde o início às publicações de imagens e pensamentos filosóficos, com o intuito de estimular comentários e reflexões nos participantes. Partilhou-se vídeos de cunho filosófico no *Youtube* como: “O mundo

de Sofia” e “Dance Macacos Dancem” este último, como um material divertido trazendo uma abordagem realista do pensamento humano com narração em português de pequena duração, além de outros vídeos e reflexões.

O segundo momento foi destinado ao convite dos participantes. Enviou-se uma carta com a exposição do Projeto de Investigação e o desejo de desenvolver a atividade em uma escola reconhecida por sua credibilidade na capital de Alagoas-BR. O Colégio de São José preenchia esses primeiros requisitos, escola com 80 anos de tradição educacional em Maceió e que atende a uma clientela da educação, do infantil ao Ensino Médio.

Um primeiro contato pessoal foi mantido entre pesquisadora, Diretora da Instituição, coordenadora pedagógica e professor de filosofia do ensino médio e, como antecipadamente, as linhas do Projeto de Investigação, já tinha sido partilhada entre dirigente, coordenação e professor, o passo seguinte foi a escolha da série e nível de ensino.

O 1º ano do ensino médio foi a série proposta pela pesquisadora por ser nesse nível de ensino que ocorre uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 na inserção da disciplina de filosofia, de acordo com o disposto no Art. 36º, que versa sobre as diretrizes curriculares do ensino médio².

O Colégio de São José disponibilizava de 2 (duas) turmas do 1º ano – 1º ano “A” e 1º ano “B” do ensino médio que funcionava no mesmo turno matutino, e como as duas não apresentavam características distintas e significativa entre número de participantes nem idades, optou-se por desenvolver o estudo no 1º ano “A”. Nessa encontramos um público composto por 25 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idade entre 13 a 15 anos, exceto 3 alunos na faixa de 16 a 17 anos, sendo 1 aluna com 17 anos, 1 rapaz com 16 e outro com 17 anos.

Após as primeiras apresentações tanto da pesquisadora à turma quanto do seu projeto de estudo, aplicou-se um pequeno questionário, com objetivo de identificar faixa etária dos alunos, sexo, se os mesmos possuíam perfil ativo no *Facebook*, o que mais gostavam de desenvolver nessa rede social, o que não gostavam e se os alunos estavam dispostos a colaborar como participantes no estudo? Também foi-lhes dito que todas as atividades futuras seriam desenvolvidas apenas na rede social *Facebook*.

O professor de filosofia turma demonstrou interesse em engaja-se no estudo, prontificando-se a trabalhar com a programação correspondente ao 2º bimestre na rede social *Facebook*, dando a conhecer, que nessa etapa seria abordado a Grécia como berço da filosofia,

2 Art. 36º. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes: § 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: **III** - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.- Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>- consultado em 12/02/2013.

as contribuições dos filósofos antigos e fatos marcantes da época.

Para início de atividade, o professor lançou um questionamento na rede sobre a possibilidade de utilização do *Facebook* como ferramenta de estudo em filosofia. Depois do primeiro resultado lançou mais duas atividades espontâneas de pesquisa na mídia digital, a 1ª individual, em que cada aluno pesquisaria e responderia o porquê da Grécia ser considerada berço da filosofia; e a segunda, em grupo onde cada grupo teria que escolher um filósofo antigo e pesquisar fatos e acontecimentos marcantes, e apresentar os resultados em publicações, na página do *Facebook* do estudo.

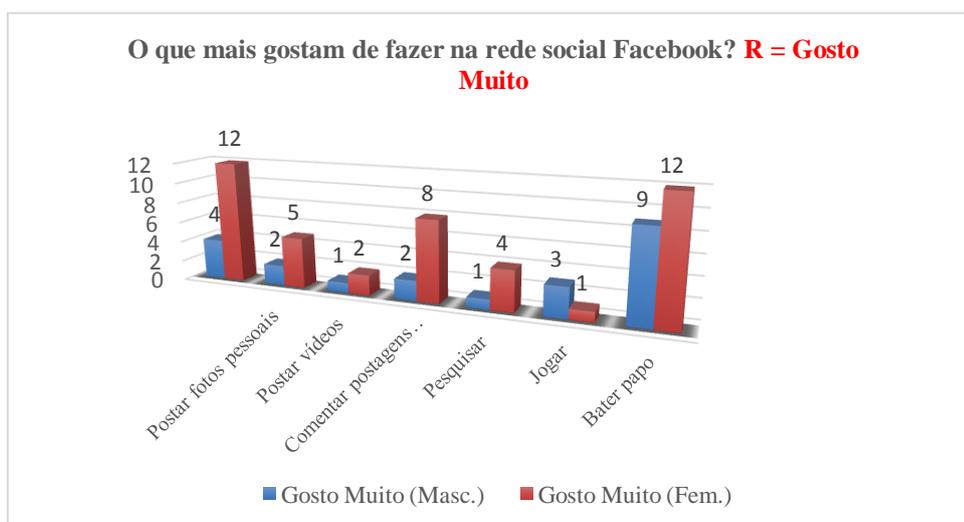
Como os trabalhos desenvolvidos eram apresentados na rede social, a coleta de dados também foi facilitada. Para analisar os resultados utilizou-se o webQDA por ser considerado um “software “poderoso” que auxilia os investigadores desde a fase da recolha de dados, até à fase da escrita das conclusões” (Souza, Costa, & Moreira, 2011, p. 20), além da facilidade, por ser um *software* de acesso online e que aceita partilhação.

Resultados

Nesse primeiro contato constatou-se que todos os alunos da turma possuíam um perfil ativo no *Facebook* e mesmo sendo utilizadores de outras redes sociais, a que mais acedem é o *Facebook* e a acedem, a partir dos computadores domésticos, mas, principalmente, através dos aparelhos de telefonia móvel.

Relativamente ao que mais gostam e o que menos gostam de fazer na R.S. *Facebook*, percebe-se que o interesse dos alunos difere em alguns aspetos aos interesses das alunas, como demonstra o gráfico 1.

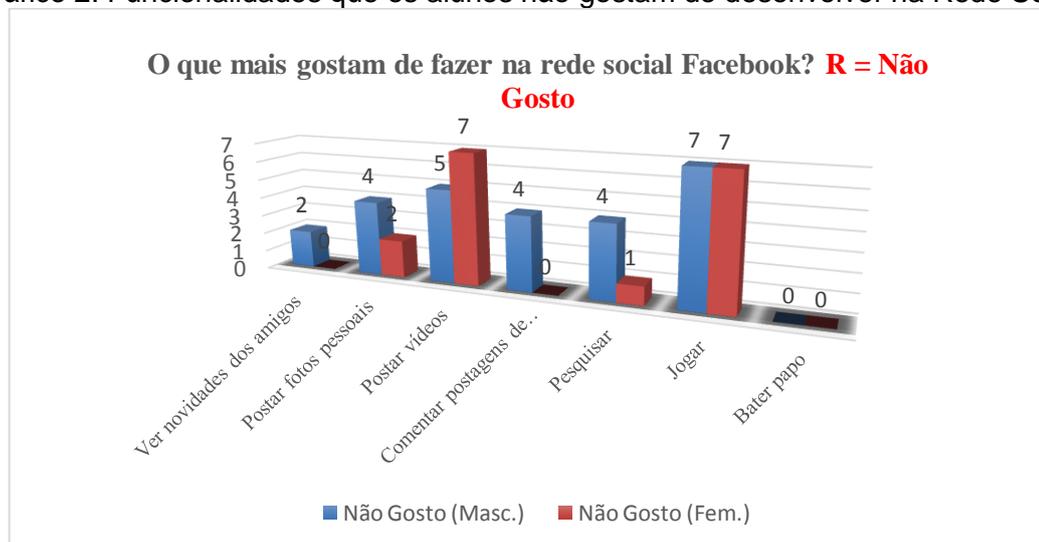
Gráfico 1. Funcionalidade que os alunos gostam de desenvolver na Rede Social



As alunas gostam mais de ver novidades dos amigos, de comentar *post*, publicar fotos pessoais e bater papo. Apenas na questão bater papo é que os rapazes também apresentaram interesse semelhante aos interesses femininos.

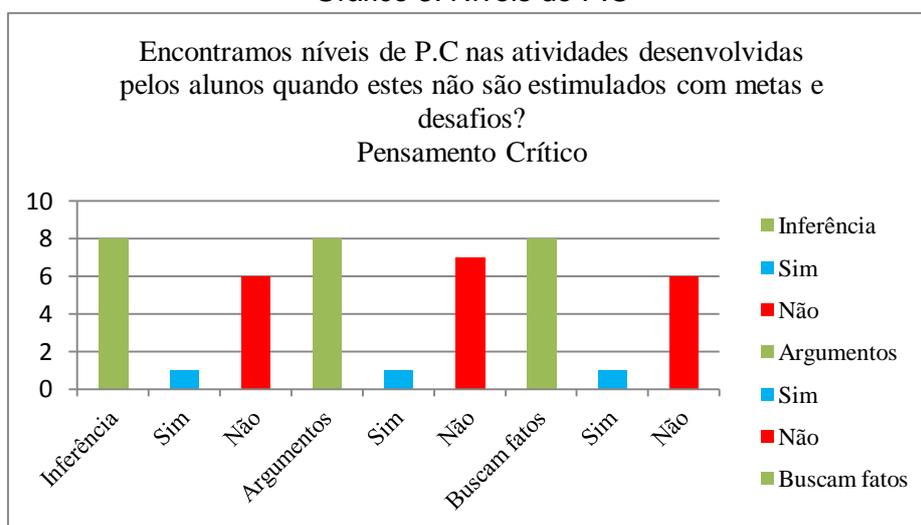
Relativamente ao que não gostam de fazer na R.S. *Facebook*, percebe-se que há quase um consenso entre alunos e alunas na questão dos jogos e também nos *post* de vídeos. O que não deu para aprofundar nesse último item foi o saber se essa falta de interesse nos vídeos se refere a vídeos pessoais ou outros vídeos, uma vez que os vídeos sobre temas diversificados e partilhados por jovens e adultos do *Youtube* no *Facebook*, se espalham na rede como rasto de pólvora, como demonstra o gráfico2.

Gráfico 2. Funcionalidades que os alunos não gostam de desenvolver na Rede Social



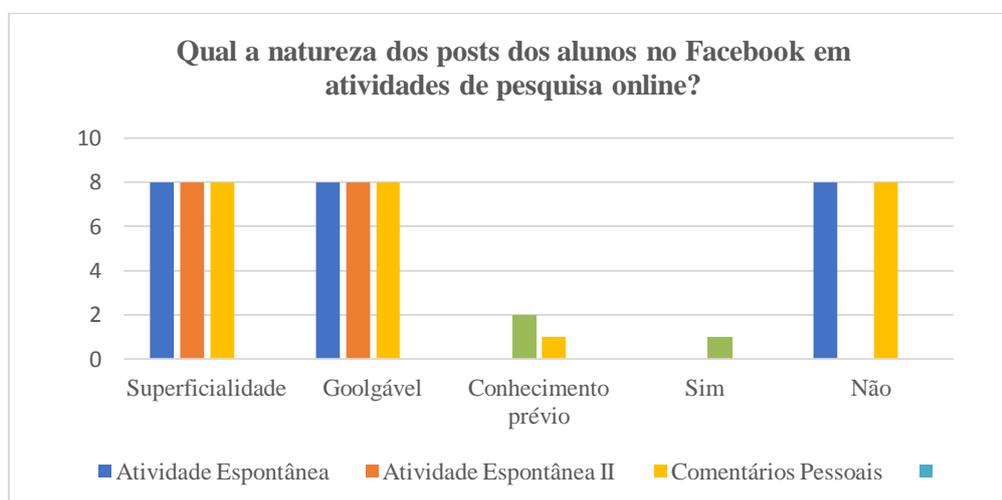
Relativamente à questão que envolve o Pensamento Crítico percebe-se que, apesar das inúmeras informações disponibilizadas nos media digitais, essas não conseguem consolidar-se como diferenciadora para uma postura de desenvolvimento do PC, e talvez, pelo carácter de abundância, favorece a uma frouxidão para as atitudes que abranjam o argumentar, questionar, buscar fontes variadas credíveis e inferir, como demonstra o gráfico3.

Gráfico 3. Níveis de P.C



Outro ponto destacado no estudo refere-se, as atividades de pesquisa desenvolvidas pelos alunos com abordagem de temas ligados à filosofia e apresentados através de post no *Facebook*, onde buscou-se perceber níveis de profundidade da pesquisa, fonte de busca, conhecimento prévio e se os alunos acrescentavam algum contributo pessoal nas pesquisas, conforme demonstra o gráfico 4.

Gráfico 4. Natureza dos Posts



Percebe-se que, tanto nas atividades voluntárias individuais como em grupo, as pesquisas são basicamente goolgáveis, e superficiais entretanto, nas atividades em grupo podemos encontrar um nível incipiente de conhecimento prévio e comentário pessoal.

Considerações Finais

A análise dos dados desse estudo nos revelou que existe possibilidade de se utilizar uma rede social como é o caso do *Facebook*, como espaço favorável ao desenvolvimento do Pensamento Crítico, entretanto, não é só o espaço em que a ação ocorre que favorece para esse desenvolvimento, outros fatores entram em questão como a participação ativa e motivada do aluno e a diferenciada atuação do professor.

O que tem sido observado é a existência de um jogo de culpados e ofendidos onde professor e aluno dividem esse cenário de conflito, quando entra em questão assuntos como reflexão, desenvolver domínio crítico e argumentativo, buscar ou oferecer fontes variadas de pesquisas. Por parte dos professores, comumente os encontramos queixosos quanto à falta de interesse dos alunos sobre temas de estudos, principalmente, quando estes se desenvolvem através dos media digitais. Além do desinteresse, queixam-se de que os alunos tentam ludibriá-los com trabalhos prontos obtidos nas páginas da *Wikipédia*, que esses utilizam o Google como única fonte de pesquisa, e por fim, que apesar dos trabalhos serem apresentados bem organizados, são apenas *copy page*.

Ressaltemos nessa questão que, tanto para o professor como para os alunos, toca uma parcela de encargo para que esses episódios continuem tal e qual. Pelo lado do aluno, jovem acostumado a “a ver o mundo através das lentes dos jogos e da diversão” (Prensky, 2001), do imediatismo para respostas aos seus questionamentos, ficar em busca do que está pronto é pura perda de tempo. Para o professor, que detém a visão de que o programa tem que ser cumprido, que as tarefas extra escola estão sempre em número maior que as atividades em sala de aula, que divide suas atividades em duas ou mais escolas refletir sobre mecanismos que favoreçam uma mudança de atitude no ato de aprender, que seja capaz de estimular e desafiar os alunos, não se convencionam como regra geral, quando isso ocorre, pode ser computado como exceção da regra.

Entretanto, propiciar um espaço de desenvolvimento do PC, seja por meio convencional, sala de aula, ou através dos media, pode ser considerado uma ação de minuciosa elaboração por parte do professor. Cabe a esse profissional apresentar níveis de desafios aos alunos, estimular a curiosidade, apresentar fontes diferenciadas e propor inclusive pesquisas, em busca da credibilidade das fontes, além de preparar seus alunos para questionar e argumentar, de forma fundamentada.

No âmbito da filosofia o que pode ser considerado como favorável é que a disciplina já desponta como um campo fértil e promotor do PC, até porque essa infunde “nas demais disciplinas o questionamento, o espírito de auto-correção e a razoabilidade, assim como a busca de normas e padrões de logicidade e racionalidade” (Lipman, 1990, p. 10), não que em outras áreas de conhecimento, essa situação seja impossível de realizar-se, mas, pelo facto de que a transversalidade oportunizada na filosofia ocupa espaço privilegiado. Assim, pode ser mais fácil despertar o interesse dos jovens sobre temas, com os quais, eles já desenvolvem certo

conhecimento ou, mesmo que o tenham em um nível superficial, poderá ser encaminhado para um aprofundamento com maiores condições de argumentação e questionamento que venham a surgir entre alunos e professor ou entre o grupo de iguais com potencial de Pensamento Crítico.

Referências

- André, M. E. D. A. d. (2005). *Etnografia da prática escolar* (12a ed.). Campinas - SP: Papirus.
- Bona, A. S. D., Fagundes, L. d. C., & Basso, M. V. d. A. (2012). Facebook: um possível espaço digital de aprendizagem cooperativa da
- Matemática. *Novas Tecnologias na Educação* 10, 1-9. Retrieved from <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo20/artigos/12b-aline.pdf>
- Carrancho, A. (2005). *Metodologia da pesquisa aplicada à educação* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Waldyr Lima
- Cottrel, S. (2005). *Critical Thinking Skills : Developing effective analysis and argument*. New York Palgrave Macmillan
- Ennis, R. H. (1996). *Critical Thinking*. New Jersey: Prentice Hall.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (A. M. Parreira, Trans. 1ª ed.). Lisboa Monitor.
- Lipman, M. (1990). *A filosofia vai à escola* (2ª ed.). São Paulo: Sammus.
- Medeiros, R. M. d., Souza, D. C. D. B. N. d., & Mercado, L. P. L. (2012). Aprendizagem e conhecimentos de nativos digitais: caminhos para uma educação diferenciada. In J. S. Llabaca (Ed.), *Nuevas ideas en informática educativa: memorias del XVII congreso internacional educativo, TISE* (Digital 2012 ed., Vol. 8, pp. 121-125). Santiago do Chile: Universidade de Chile.
- Mercado, L. P. L. (2006). A Internet como Ambiente Auxiliar do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem 1-3. Retrieved from http://www.igm.mat.br/profweb/sala_de_aula/mat_computacional/2006_2/artigos/artigo1.pdf
- Minhoto, P., & Meirinhos, M. (2011). O Facebook como plataforma de suporte à aprendizagem da Biologia. *ieTC*, 118-134. Retrieved from <https://comunidade.esse.ipb.pt/ieTIC>
- Patrício, M. R., & Gonçalves, V. (2010). Facebook: Rede social educativa? *I Encontro Internacional TIC e Educação*, (978-989-96999-1-5), 593-598. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10198/3584>
- Paul, R., & Elder, L. (2006). Critical thinking: concepts and tools, 17/05/2013, from www.criticalthinking.or
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. 9, 1-6. Retrieved from <http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>
- Souza, F. N. d., Costa, A. P., & Moreira, A. (2011). Questionamento no processo de análise de dados qualitativos com apoio do software WebQDA. *EduSer: Revista de Educação*.
- Souza, F. N. d., & Rocha, L. S. (2011). blogs Escolares: Desenvolvendo uma aprendizagem ativa. In M. B. c. Leão (Ed.), *Tecnologias na educação: Uma abordagem crítica para uma atuação prática* (pp. 163 - 179). Recife: UFRPE.
- Tapscott, D. (2010). *A hora da geração digital: Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos* (M. Lino, Trans.). Rio de Janeiro Agir Negócios.
- Tenreiro-Vieira, C., & Vieira, R. M. (2000). *Promover o pensamento crítico dos alunos: propostas concretas para a sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Veen, W., & Vrakking, B. (2009). *Homo zappiens: Educando na era digital* (V. Figueira, Trans.). Porto Alegre: Artmed.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, especialização em Psicopedagogia pela UNIGRANRIO, especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Mestre em Ciências da Educação na área de Formação Pessoal e Social pela Universidade de Aveiro – UA, Doc Student Ensino da Didática – UA – PT, Pesquisadora do TICFORPROD - TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRESENCIAL E A DISTÂNCIA ONLINE - UFAL